

## Resumos

### Sessão 13. Prosa e Poesia I

#### **A carne andróide**

*Edison Gomes Junior (USP – SP)*

Criador da semiótica da impressão, o semioticista Jacques Fontanille acredita que a mediação entre expressão e conteúdo se dá justamente a partir do corpo. O corpo perceptivo, sendo a barra que divide as duas partes do signo, é constantemente dividido entre a ação e a inação, a constância e a mudança, o eu e o Outro, e transforma-se em máquina semiótica por excelência, percebendo, processando e discriminando os constantes eventos da realidade. A teoria da impressão contribui de forma significativa para um novo olhar sobre o texto, dessa vez examinado como um campo semiótico de fenômenos captados também pelo corpo, em sua busca pelo equilíbrio, e programado pela pulsão do devir. A busca do sujeito e suas paixões estão também sujeitas ao bios e à physis. A partir da teoria da impressão, esboçada no livro *Soma & Séma*, pretendemos analisar o romance de ficção científica *Blade Runner*, o caçador de andróides (1968) de Philip K. Dick, a fim de se observar como os corpos dos personagens reagem ao mundo distópico imaginado pelo autor. O romance, que trata da luta entre humanos e andróides no planeta Terra, em extinção devido à radioatividade gerada pela terceira guerra mundial, discute a relação entre homem e máquina, tendo como base narrativa a percepção e a cognição dos protagonistas, que muitas vezes desconhecem sua identidade, estão ameaçados fisicamente e precisam sobreviver como espécie. Narrando o esfacelamento do sujeito através de tensões que desestabilizam o corpo, e consequentemente a linguagem, a narrativa oscila entre ser-eu-mesmo e ser-eu-mesmo-como-o-outro e rediscute o humano. Pretendemos observar com mais clareza a dicotomia Eu/Outro, mediados pela tecnologia, e revelar como o corpo perceptivo torna-se elemento essencial para a construção de uma narrativa gerada na era cibernética.

[\(edigomes2000@uol.com.br\)](mailto:edigomes2000@uol.com.br)

## **O Eldorado não das Américas; mas o cravejado de almanaquias preciosas**

*Tatiane Milene Torres (USP – SP)*

A propósito do estudo comparativo entre o *Almanaque Brasileiro Garnier*, editado por uma das últimas filiais francesas no Rio de Janeiro, entre 1903 e 1914, e o *Almanach Hachette*, editado pela Librairie Hachette em Paris, no período de 1894 a 1980, visa-se a análise da temática do Eldorado engendrado por meio da construção das Repúblicas das delícias, Paris e Rio de Janeiro que, por sua vez, estão inseridas, a primeira no próprio sítio maravilhoso tecido de ouro em pó advindo das minas oníricas, e a segunda, edificada com a fartura oriunda do Pays de Cocagne. Tais lugares quiméricos já não representam as riquezas das Américas, nem tampouco a fortuna característica do país abundante francês, mas o melhor dos mundos possíveis cravejado de almanaquias para deleite dos habitantes-leitores. Destarte, a tessitura anual de tais livros populares oferece aos leitores a *rêverie* mesclada a temáticas práticas, saberes e artes que permitem a lisibilidade das cidades de Paris e Rio de Janeiro na chamada *Belle Époque*, para que cultivados nos sonhos e no conhecimento que possibilita a saída da caverna, pela Poiésis, possam desfrutar, de maneira igualitária, das pedras preciosas travestidas de almanaquias que calçam as ruas da Terra sem Males oriunda da nova Criação. É pela leitura dos signos poéticos que compõem tal lugar feérico que as cidades ideais, Paris e Rio de Janeiro, tornam-se legíveis, o que faz de tal lisibilidade a revelação das mazelas presentes na falsa idade de ouro, para então engendrar a verdadeira época em que a divisa *joie de vivre* alcança verdadeiramente todos os habitantes-leitores do melhor dos mundos possíveis, o Eldorado tecido, por meio da concretização da proposição voltairiana “*Il faut cultiver notre jardin*”, pela Paidéia Poética de todos os dias.

***(torrestatiane@usp.br)***

## **Uma leitura semiótica do poema “Quem sou eu?”, de Luiz Gama**

*Adriano Rodrigues dos Santos (USP – SP)*

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma leitura semiótica do poema “Quem sou eu?”, do escritor abolicionista afro-brasileiro Luiz Gama (1830-1882). “Quem sou eu?” foi publicado pela primeira vez na segunda edição do livro “Primeiras trovas burlescas de Getulino”, de Luiz Gama, em 1861. O poema ficou popularmente conhecido como “A bodarrada”. Nele, temos um enunciador

que, consciente de que a mistura de “raças” é parte inerente da constituição do povo brasileiro, explicita e festeja o fato de que, independente da cor da pele, todos os seres humanos carregam um mesmo traço identitário, um mesmo indicador de igualdade humana, ou seja, todos são “bodes”. A palavra “bode” que, no século XIX, era utilizada como forma de ofensa e depreciação às pessoas de pele negra, é tomada pelo enunciador como um vocábulo que estabelece um traço identitário entre todos os seres humanos, independentemente da tonalidade da pele e das características fenotípicas. Há, com isso, um processo de extensão do significado da palavra “bode”, que passa a ser utilizada pelo enunciador para designar as pessoas pertencentes aos mais variados arranjos etnicorraciais. Assim, no poema “Quem sou eu?”, as relações de conflito e a intolerância entre negros e brancos, bastante pungentes no século XIX, são relativamente atenuadas, na medida em que o enunciador opta por apresentar, em tom festivo, euforizante e, em certa medida, harmonioso, a diversidade de cores e características humanas que compõem o seu domínio espaço-temporal, construindo um discurso no qual há o predomínio dos valores de universo.

([adriano.rsantos@usp.br](mailto:adriano.rsantos@usp.br))